

PERSONAGENS NEGROS NA LITERATURA INFANTO- JUVENIL: ENTRE A REPRESSÃO E A VALORIZAÇÃO IDENTITÁRIA

Autora: Valcêmia Freire Monteiro; Co-autora: Esmênia Soares Barreto; Orientadora Dra.
Valdeci Margarida da Silva

Universidade Estadual da Paraíba- valcemiafmonteiro@yahoo.com.br;

Universidade Estadual da Paraíba- esmenia11@hotmail.com

Universidade Estadual da Paraíba- valmargarida@yahoo.com.br

Resumo : Nas literaturas infanto-juvenis afro-brasileiras, o tema da identidade é onipresente mesmo quando não expressamente nomeado. Eventos como o passado colonial, a escravidão, o tráfico negreiro, a dominação estrangeira e a etnicidade de cada um, penetram ou estão latentes em todas as relações humanas e em todas as decisões particulares e políticas. Partindo dessa perspectiva, temos a identidade como a concordância ou a ligação do indivíduo entre ele mesmo e a sociedade. Apesar da Lei 10.639/2003 e 11.645/2008 que estabelecem a importância de se trabalhar a cultura negra nos seus mais variados aspectos, percebemos que ainda há um longocaminho a ser percorrido. Destacar a importância da inclusão da temática da cultura afro-brasileira nas escolas ainda é um grande desafio. Por isso, cabe aos educadores usar as estratégias necessárias para abordar a importância do negro em nossa sociedade de forma significativa. Dessa forma, O presente artigo discute a posição de duas obras da literatura infanto-juvenil. Uma dos anos 90, *Tonico e Carniça* de José Rezende Filho e Assis Brasil e outra contemporânea *Menina Bonita do Laço de Fita*, de Ana Maria Machado. As obras mostram a presença de estereótipos da cultura branca dominante, atrelados às várias formas de resistência e afirmação identitária. Em um primeiro momento, apresentaremos a condição negra como objeto em uma visão distanciada e reprimida de grupos historicamente desfavorecidos e marginalizados, encontrando-se em posição de extrema violência, vulnerabilidade e impossibilidade de resgatar uma identidade positiva para almejar um futuro promissor. Em um segundo momento, apresentaremos uma obra com uma visão renovada reivindicando a diferença, preenchendo lacunas, denunciando a discriminação e desconstruindo estereótipos. A compreensão dessas obras é de suma importância para combater a discriminação racial, sobretudo pela possibilidade de abrir caminhos e espaços diversificados para a afirmação, via literatura, de uma identidade coletiva.

Palavras-chave: literatura infanto-juvenil, resistência, identidade.

INTRODUÇÃO

Como toda obra de arte, a literatura infanto-juvenil exerce a sua influência pedagógica ou educativa sobre o indivíduo, quer pela contribuição na formação do seu pensamento, quer pelos modelos que apresenta. Na medida em que o contato com a literatura molda a mente e o coração do indivíduo pode-se admitir que ela irá influir em sua mente. Assim, a literatura infanto-juvenil para Coelho (1982), tem a finalidade de promover na criança, ou no jovem e até no adulto o gosto pela beleza da palavra, o prazer em fazer parte de um mundo de ficção. Essa literatura ainda tem a função de arrear as palavras no mundo mágico do indivíduo permitindo-lhe, não só entendê-

(83) 3322.3222

contato@enid.com.br

www.enid.com.br

las e usá-las, como também gozá-las e desfrutá-las no contexto da imaginação. A literatura infanto-juvenil também segundo Coelho (1982) é um conjunto de manifestações e atividades que utilizam a palavra do interesse dos jovens e crianças. O interesse provocado nesse público baseia-se na liberdade e na aceitação voluntária de elementos que serão utilizados para a construção de consciência desses leitores.

Essa concepção também se aplica a literatura infanto-juvenil afro-brasileira que atualmente tem se mostrado perante os olhos da criança como fragmentos da vida, do mundo, da sociedade, do seu ambiente cotidiano e da realidade como um sistema de representações evocando para a fantasia. Para responder as necessidades íntimas da criança que sofre sem sequer saber formulá-las, é preciso permitir, ou fornecer os meios necessários para que ela jogue com as imagens da realidade e construa a partir dessas imagens a sua própria visão de mundo.

Todo esforço em se divulgar e estudar uma literatura que rompa com os estereótipos que se cristalizam em torno da figura do negro tem como respaldo a Lei 10.639/03, que estabelece a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira e africana na Educação do Ensino Fundamental e Médio. Trata-se de uma das muitas conquistas da luta de vários movimentos, devido a forma violenta que os negros foram tratados no passado, o que marcou profundamente o presente das futuras gerações. Por isso, a Lei tem como objetivo contribuir de forma significativa, para que as novas gerações se fortaleçam aumentando sua autoestima. Mas para se chegar a esse objetivo, muito precisa ser feito. Para tanto, nós profissionais da educação somos os principais encarregados em divulgar produções literárias que mostrem o negro como personagem de uma história de luta contra a opressão de afirmação e vitória.

No Campo da educação havia uma grande prioridade para o estudo de obras literárias pertencentes ao cânone, uma vez que a formação dos alunos passa necessariamente pelas obras que são lidas e valorizadas nas escolas. Com o passar dos anos, com as demandas de inclusão e o reconhecimento das diferenças torna-se necessário formar cidadãos capazes de conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, bem como aspectos socioculturais de outros povos e nações posicionando-se contra qualquer forma de discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de sexo, de etnia ou outras características individuais ou sociais. Diante disso, era preciso que a escola redirecionasse seu papel social frente às transformações socioeconômicas da globalização. Para atender essa demanda, a escola na visão de Martins e Cosson

(2008) passou a trabalhar com uma enxurrada de textos tão diversificados que chegavam até a desafiar as classificações usuais na organização das obras literárias.

Como resultado de tudo isso, obras que antes eram consideradas por baixa representatividade, sendo incluídas no grupo das literaturas marginais ganham espaço, principalmente por tratarem-se de obras que abordam a posição de sujeitos em conflito em espaços marcados por grandes disparidades econômicas, sociais e culturais.

De acordo com Dantas (2007), ao longo dos últimos anos surgiu uma série de reivindicações de agentes culturais ligados ou não aos movimentos negros, os quais encontraram respaldo na Lei 10.639, sancionada em 09 de Janeiro de 2003. Essa lei estabelece que os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística, Literatura e História Brasileiras, no ensino fundamental e médio.

A Lei 10.639/03 visa, exatamente, “ao resgate das nossas raízes africanas para melhor compreensão da identidade cultural brasileira, já que conhecer a História e a Cultura Africanas é, sem dúvida, aprofundar o conhecimento de nós mesmos” (DANTAS, 2007, p.10). Com isso, o trabalho de textos que contemplem a grande contribuição do negro no processo cultural, histórico e econômico da nossa sociedade, torna-se imprescindível para conhecermos a grande diversidade cultural brasileira. Com a aprovação da Lei 10.639, sancionada em 9 de janeiro de 2003, tornou-se obrigatório no Ensino Fundamental e Médio o ensino sobre História e Cultura Afro-brasileira e Africana, o que assinala a necessidade de estabelecer novas diretrizes nacionais para a educação das relações étnico-raciais no Brasil.

Partindo dessa perspectiva, realizaremos uma pesquisa do tipo Estudo de Caso, utilizando para análise duas obras literárias: *Tonico e Carniça* (1995), de José Rezende Filho e Assis Brasil e *Menina Bonita do Laço de fita* (2011), de Ana Maria Machado, verificando se as mesmas estão voltadas para as demandas de uma política de representação das relações étnico-raciais.

A escolha desse tema deve-se ao crescimento não apenas da produção de livros que abordam a cultura negra, como também ao cumprimento da Lei 10.639/2003 e de outros documentos jurídicos como as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, como também a Lei 12.288/2010, o Estatuto da Igualdade Racial.

Nossa análise será norteada a partir das teorias acerca da identidade negra, na perspectiva de Martins e Cosson (2008), como

também nos conceitos sobre dominação e poder em Foucault (1984). Tais autores nos guiarão rumo aos princípios de uma educação multicultural e democrática. Dessa forma, o objetivo de nosso trabalho é verificar como a literatura infantil e juvenil no Brasil, representada pelas duas obras citadas, respondeu nos anos 90 e na contemporaneidade (ano de 2011) às demandas étnico-raciais de identidade e representação dos negros, verificando se as obras em estudo trazem à tona problemas relativos ao racismo e se apresentam um olhar valorativo sobre a cultura e o corpo do negro, ou ainda, se existe a presença da afirmação da identidade negra.

INFERIORIZAÇÃO, REPRESSÃO E CRISE DE IDENTIDADE EM “TONICO E CARNIÇA”

Tonico e Carniça (1995) de José Rezende Filho e Assis Brasil é uma obra que embora não esteja de acordo com as demandas dos movimentos sociais, se configura como uma tentativa desesperada de desconstruir preconceitos já cristalizados em torno de uma população que já foi marcada pelo estigma da inferiorização. Mas, se refletirmos acerca do contexto em que essa obra foi produzida, nos anos 90, percebe-se que fora uma década em que os movimentos negros em prol da identidade não eram tão expressivos, além disso, não havia uma legislação voltada para que a escola se comprometesse a trabalhar o negro em seus currículos inserindo uma estética positiva, reivindicando seu valor e sua identidade, além de denunciar e desconstruir os estereótipos.

No próprio título da obra visualizamos a presença de dois sujeitos, o branco, Tonico morador do subúrbio carioca, neto de dona Corália, uma senhora inteligente e compromissada com a família e filho de dona Zenaide, uma viúva séria que luta diariamente nas suas idas ao INPS (atual INSS) para conseguir a pensão do marido falecido. A vida financeira da família é caracterizada por necessidades e sacrifícios, mas Tonico, o personagem branco é protegido, orientado pela mãe e pela avó, destacando a sua estrutura familiar sólida. Tonico, desde cedo, aprende valores e é treinado pela avó para internalizar a norma culta da linguagem: “- Não, senhora. Nunca mais vi ele. – Vi ele, não menino. Você está estudando pra falar errado? Diga assim: nunca mais o vi”.(Filho e Brasil, 1995, p. 11).

Além disso, Tonico é representado pelos autores como um garoto limpo, ordeiro, estudioso e trabalhador. Um exemplo de menino que está preocupado em contribuir para aumentar o orçamento familiar com seu trabalho

simples e honesto de engraxate no turno em que não está na escola. Sua mãe e avó fazem uma pequena renda com o trabalho de costura, o que não é suficiente para a sobrevivência da família, por isso Tônico sente a necessidade de trabalhar para ajudá-las. O garoto também recebe ajudas, orientações e carinho de seu tio Severino, que compra para ele uma cadeira de engraxate grande e novinha, contendo todos os acessórios para exercer seu ofício.

Carnaça, o personagem negro é apresentado em dois momentos. No primeiro momento, ele aparece como um garoto sujo, de dentes podres, pés descalços, não gosta de tomar banho, não estuda e nem tem uma ocupação definida. Pelo próprio apelido Carnaça, percebemos a degradação desse personagem, que é remetido à podridão, a decomposição de uma matéria sem vida. Esse apelido pejorativo coloca o negro em uma posição de inferioridade. Mesmo sendo o melhor amigo de Tônico, Carnaça não é visto pela mãe e avó de Tônico como um garoto confiável, devido a sua origem favelada e sua condição desfavorável. No decorrer da narrativa, observamos as tentativas das duas de desfazerem essa amizade, que nada de bom poderá acrescentar a vida de Tônico. No geral, Carnaça é enfocado como um personagem marginal, sem valor e sem perspectivas de almejar um futuro melhor. Morador da favela, filho de uma mãe analfabeta, cuja profissão é lavadeira, nada terá a oferecer a esse garoto levado, que vive solto pelas ruas do Rio de Janeiro. Seu pai é desaparecido, nada consta na narrativa sobre o seu sumiço, só sabemos que ele não é o provedor da família e nem está presente na vida do garoto para auxiliar seu crescimento. Tais estereótipos colocam o personagem Carnaça em uma condição desfavorável fortalecendo um discurso de que o negro é representado na literatura como um personagem desqualificado. Tal discurso indica ideologias, atitudes e estereótipos voltados para a estética branca dominante. Para Martins e Cosson (2008, p. 58) são essas representações que “negam ou aprisionam a identidade do grupo em uma posição que lhe é socialmente desfavorável, logo são consideradas representações ilegítimas porque configuram uma identificação negativa”.

Carnaça possui um grande sonho de se tornar jogador de futebol famoso, mas a luta pelo seu sonho não é reforçada, não existe uma batalha para que ele busque seu objetivo. Seu sonho fica resumido, eclipsado às práticas das peladas no campo de futebol próximo da favela em que reside, dividindo espaço com outros garotos favelados e assaltantes, são esses que irão decidir o futuro do Carnaça: moldá-lo para inseri-lo no mundo do crime.

Dessa forma, a leitura dessa obra dos anos 90 ainda não está inserida nas políticas públicas de valorização do negro destacando sua cultura e sua vivência como algo positivo, é realizada com o objetivo de mapear as representações



inadequadas ou preconceituosas. Assim, para tentar enquadrar uma obra literária que aborde o personagem negro de forma positiva, seria necessário todo um processo de construção da identidade que requer uma nova história, uma história que seja relida para fazer falar o que fora silenciado.

Assim, essa tentativa aparece em um segundo momento da obra, na qual percebe-se a insistência dos autores de colocar Carniça em uma posição de resistência. É aí que aparece o tio Severino, o protetor de Tônico que assume o papel de anjo da guarda de Carniça, se tornando seu auxiliar e protetor disposto a ajudar o garoto a sair de sua condição de inferioridade. O tio Severino, o “branco bom”, aceita de forma compreensiva a sociedade de Tônico e Carniça, os quais irão dividir a cadeira de engraxate para ganharem algum dinheiro. Tio Severino impõe a Carniça uma condição: a de que ele trabalhe um turno como engraxate e estude no outro turno, da mesma forma que faz Tônico. Carniça aceita a decisão com alegria consegue encontrar sua certidão de nascimento nos bagulhos de sua mãe e tio Severino exige que todos lhe chamem pelo seu nome de batismo, Válter. Nesse momento Carniça, agora Válter se humaniza, é matriculado na escola e passa a trabalhar:



Num grupo escolar noturno, perto da casa de Tônico, foi onde seu Severino matriculou Carniça. E como ele não tinha nenhum documento de escola, foi para o primeiro ano do primeiro grau, onde quase todos os estudantes eram menores do que ele. No encontro marcado com o tio de Tônico, Carniça apareceu vestido direitinho, uma calça Lee azul, uma camisa marrom, de manga comprida, e até estava penteado.

- Quase não te conheci, cara – disse Tônico (Filho e Brasil, 1995, p. 57)

Aqui, percebemos que o Válter, é auxiliado por seu Severino, ele nada conseguiu por esforço próprio, ele é conduzido para a escola e para o trabalho por um adulto, sendo disciplinado e moldado conforme as expectativas da hegemonia ditada pela classe dominante. Assim, a educação e o trabalho para Carniça não terá o poder de humanizá-lo, pelo contrário: esse modelo educacional que lhe é imposto por seu Severino, como exemplo de benevolência, voto de confiança e credibilidade a um garoto marginalizado, corresponde a uma educação que tem como objetivo desumanizá-lo, aliená-lo de seus atributos naturais e submetê-lo quase sem resistência à hegemonia dominante. Ao realizar estudos sobre o Poder Disciplinar proposto nas teorias de Foucault (1984) percebe a Educação como o maior agente de dominação, uma vez que essa educação proposta ao personagem Carniça obedece ao Poder Disciplinar e as suas técnicas de adestramento que visa transpor para o interior do homem algo que lhe é externo, estranho a sua natureza, para torná-lo adaptado a um mundo desumanizado. Esse, segundo Foucault (1984), é um

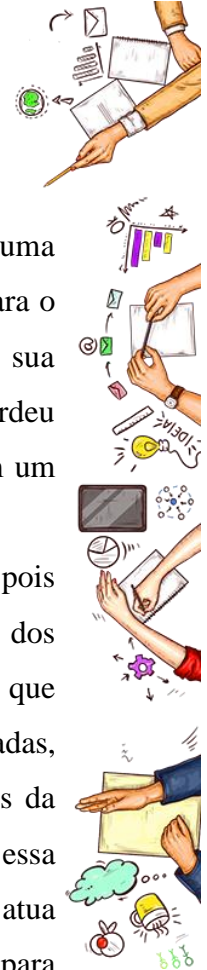


dos tristes e nada enobrecedores papéis reservados à educação na sociedade capitalista. Assim, por trás dos ideais heróicos e benevolentes, que visam à formação de um indivíduo cultural, intelectual, social e psicologicamente íntegro, existe um objetivo por trás: o de criar e controlar comportamentos. Com isso, a educação de Carniça é permeada pela submissão e conformismo. Mas o pior ainda estaria por vir.

Embora tudo estivesse perfeito na vida de Carniça com a presença da escola, da renda como engraxate, da roupa nova, dignidade, credibilidade e segurança, certo dia a cadeira de engraxate é assaltada. Um grupo de pivetes toma todo o seu dinheiro e com uma arma em punho ameaçam voltar para cobrarem semanalmente a “proteção”, para que ele continuasse desempenhando suas funções em frente ao Armazém do seu Gonçalves. Carniça ficou desesperado, pois, devido a sua condição marginalizada, pensou rapidamente que todos iriam acreditar que ele havia inventado tudo para ficar com o dinheiro e não dividi-lo com o sócio Tônico. Ele ficou triste e envergonhado. Mais uma vez o estigma da cor estava entranhado em Carniça, o peso da marginalidade iria desviá-lo de sua atual condição e jogá-lo em um abismo. Mais uma vez o poder agia na vida de Carniça dessa vez o Poder da Violência. Uma outra forma de poder mais agressiva e incontrolável.

Foucault (1984) na sua obra *Microfísica do Poder*, compreende que são nas relações cotidianas que o poder tem maior eficácia, pois ele age fisicamente nas microrelações comandando e ordenando o comportamento das pessoas a partir de sua vontade. O uso da força através da violência é uma forma de poder. Dentro da sociedade moderna individualizada e democrática o Estado é que faz as políticas educacionais que interessa a burguesia. Assim, todos são moldados, disciplinados e controlados para aceitarem às regras impostas pelo Estado como legítimas. Porém, embora a sociedade seja moderna e democratizada, existe a presença da coerção e do uso da força, muito usadas no período feudal e nas sociedades absolutistas. Na modernidade, embora se queira esconder as formas de violência, ela existe. A violência é exercida pelo convencimento, adestramento que Foucault (1984) chama de instituições de exercício e controle do comportamento.

Diante da violência sofrida no assalto, Carniça é sufocado pelo racismo. No centro de um ambiente hostil e degradante, que elimina suas possibilidades de crescimento e evolução e ainda ameaça sua dignidade, sua única salvação para não ser acusado de cúmplice pela família de Tônico e pelo dono do Armazém, é reagir ao próximo assalto. Embora Tônico acredite na versão do amigo, isso não é suficiente para que o garoto resgate sua credibilidade. Ao reagir ao próximo assalto, Carniça é baleado e ferido



gravemente, o que comprova que só colocando sua vida em risco ele será aceito por uma sociedade racista e preconceituosa. No último capítulo do livro, Carniça é conduzido para o hospital por seu Severino e pelo amigo Tônico, fica a angústia e a incerteza de sua recuperação. Após muita espera, um médico chega com péssimas notícias, Carniça perdeu muito sangue e só conseguirá sobreviver por um milagre. Assim termina a história com um desfecho não concluído e aparentemente trágico para o personagem negro.

Como podemos verificar nada de errado aconteceu ao Tônico, apenas o Carniça, pois o fato de ser negro, favelado e não conseguir sobreviver por conta própria, necessitando dos favores dos brancos, encontrava-se em uma situação de extrema vulnerabilidade, o que comprova que as personagens negras da literatura infanto-juvenil eram infantilizadas, animalizadas e marginalizadas. Foi o que aconteceu com muitas obras publicadas antes da promoção de políticas públicas para a valorização das questões étnico-raciais. Com isso, essa obra, na visão de Martins e Cosson (2008) revela um ideal de embranquecimento que não atua apenas como desqualificadora da cultura e estética negra, mas também contribui para embranquecer o leitor, pois representa a raça branca como superior.

O PODER DA IDENTIDADE COMPARTILHADA EM “MENINA BONITA DO LAÇO DE FITA”

Na obra *Menina Bonita do Laço de Fita*, de Ana Maria Machado (2011), a posição de personagem periférica é trocada pela de protagonista, o negro que antes era infantilizado e marginalizado, agora assume o comando de sua vida. A caracterização corporal passa a ser dignificada e a condição de marginalidade é substituída por uma estética da identidade comprometida com a representação do negro. É assim que a identidade será afirmada nessa obra cheia de encantos e orgulho étnicos, chocando-se com o olhar negativo e a visão estereotipada pela qual era representada a literatura infanto-juvenil afro-brasileira.

A literatura infantil escolhida para análise tem como personagem principal uma menina de cor negra e um coelho que a admira. A obra de Ana Maria Machado, mostra que há diversos pontos em que a imagem da personagem negra é exaltada com características que a embelezam-na durante toda a narrativa, o coelho demonstra afetividade pela menina.

No início da história, há um diálogo com a criança sobre o prazer em ouvir histórias, sendo enfatizado que na história que íamos ler tinha um final feliz, mas quem queria saber o final, deveria escutar a história.



No livro, a menina inventa várias histórias por ser pretinha: “- Ah, deve ser porque cai na tinta preta quando era pequenina” (MACHADO, 2011, p. 8). “- ah, deve ser porque eu tomei muito café quando era pequenina”(MACHADO, 2011, p.10). “-Ah, deve ser porque eu comi muita jabuticaba quando era pequenina” (MACHADO, 2011, p. 12). Para o coelhinho que também queria ser igual a ela, fez de tudo para tornar-se negro, mas todas as receitas indicadas pela menina (tomar café, comer jabuticaba) foram em vão. Até que um dia a mãe da menina, que era uma linda mulata revelou o segredo de sua belíssima cor: “- Artes de uma avó preta que ela tinha...”(MACHADO, 2011, p. 15).

Foi nesse instante que o coelho percebeu o peso da ancestralidade, por isso deveria casar com uma coelha pretinha para poder ter filhotes de cores variadas. Assim o fez, encontrou uma linda coelha pretinha, casou-se com ela e tiveram vários filhotes de todas as cores.

O texto lido destaca a representação da identidade negra, denunciando preconceitos e desconstruindo obras que desqualificavam a estética negra, valorizando uma produção contemporânea comprometida com a identidade positiva, a fim de que os grupos se reconheçam como iguais em suas diferenças.

O texto lido é destinado para crianças muito pequenas, com linguagem adequada para as mesmas. As imagens grandes e coloridas são símbolos de fácil tradução. Em todo o enredo, a menina negra, a protagonista recebe elogios por ser tão bonita e sua mãe para realçar sua beleza a enfeita com laços de fitas coloridas.

O tema da identidade presente nessa obra faz com que a criança se espelhe com o sua própria imagem ou a imagem do outro. Cabe aqui destacar a importância do educador, sendo o responsável por fazer da leitura uma fonte de prazer e enriquecimento a fim de alcançar o nível de consciência que o texto propõe. É através da literatura que a criança tem contato com diferentes formas de conceber a realidade.

CONCLUSÃO

A leitura das obras *Tonico e Carniça* e *Menina bonita do laço de fita* pelo viés da Lei 10.639/03 e suas respectivas diretrizes curriculares nacionais trazem uma concepção reducionista e outra emancipatória do conhecimento. Como sabemos o desconhecimento sobre a África e sobre a trajetória de ação, luta e resistência, da comunidade negra brasileira têm sido empecilhos para a construção de uma educação anti-racista e que caminhe na perspectiva da diversidade. Dessa forma, a Lei exige

mudanças de postura pedagógica. Para isso, devemos evitar obras literárias que menosprezam a imagem do negro, pois os esterótipos acabam se confirmando, prejudicando assim a literatura e o leitor. Afinal, ainda acreditamos que os autores que trabalham com obras para o público infanto-juvenil estão imbuídos das melhores intenções. Mas, por outro lado não podemos negar que nossos métodos às vezes não são adequados, o que compromete nossos resultados.

REFERÊNCIAS

BRASIL, **Plano Nacional das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília: SECAD;SEPPPIR,jun.2009

BRASIL, **Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília: SECAD/ME, 2004.

COELHO, Nelly Novaes. **A literatura infantil: história, teoria e análise**. 2.ed. São Paulo: Quiron, 1982.

DANTAS, Elisalva Madruga (Org.). **Textos poéticos africanos de língua portuguesa e afro-brasileiros**. João Pessoa: Idéia, 2007

FILHO E BRASIL, José Rezende e Assis. **Tonico e Carniça**. 7.ed. São Paulo: Ática, 1995.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização, tradução e introdução de Roberto Machado. 4 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1984

MACHADO, Ana Maria. **Menina bonita do laço de fita**. 9. ed. São Paulo, Atica: 2011

MARTINS E COSSON, Aracy e Rildo. **Representação e Identidade: política e estética étnico-racial na literatura infantil e juvenil**. In: SOARES, Magda (Orgs) **Literatura Infantil: políticas e concepções**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008

SILVA, Maurício Pedro da. **Novas diretrizes curriculares para o estudo da história e da cultura afro-brasileira e africana: a Lei 10.639/03**. In: **Eccos –Revista Científica**, São Paulo, v.9, n I, jan/jun, 2007

